

De que lado fica o Outro lado?

*Temos, todos que vivemos,
Uma vida que é vivida
E outra vida que é pensada,
E a única vida que temos
É essa que é dividida
Entre a verdadeira e a errada.*

(Fernando Pessoa)

O invisível fio condutor da narrativa no longa-metragem intitulado *Do outro lado* (*Auf der Anderen Seite*, Alemanha/Turquia, 2007), de Fatih Akin, é, fundamentalmente, a problemática da reparação. Este é um tema candente na Alemanha do pós-guerra, tanto no que diz respeito ao genocídio dos judeus pelo regime nazista do III Reich, quanto em relação à espinhosa questão da imigração turca e sua inserção sociedade alemã contemporânea.

Neste filme, um professor de literatura alemã na universidade de Bremen, especialista em Goethe e pertencente à segunda geração de imigrantes turcos, é uma espécie de *alter ego* do diretor e roteirista do filme, ele próprio um jovem alemão de origem turca.

Nejat, o filho, não arde pelo pecado do pai – ao revés do que afirma Lacan em seu comentário do sonho descrito por Freud e conhecido pela exortação “Pai, não vês que estou queimando?” – mas pretende repará-lo movido pela culpa. Age não em nome de uma dívida, mas em uma perspectiva, ainda que às avessas, de salvar o pai – lembrando que o termo alemão *Schuld* significa tanto ‘culpa’ quanto ‘dívida’. Aqui, é o filho que não vê, que não é despertado pela realidade sexual do inconsciente, matéria-prima do sonho. Nejat segue - vigil - a dormir, numa espécie de sonambulismo diligente cujo propósito é expiar o crime do pai.

Os demais personagens do drama também são levados a agir impelidos pelo mesmo anseio de reparação, diferente conforme o caso. Ali, o pai, se propusera a resgatar da vida dita fácil uma conterrânea, Yeter e, em meio a uma discussão, terminara por matá-la, acidentalmente; Nejar pretende reparar o dano (o involuntário assassinato de Yeter cometido por seu pai) encontrando a filha da prostituta morta, Ayten. Já Lotte, uma jovem universitária alemã, apaixonou-se por Ayten aderindo, sem mediação, à militância política da jovem turca - que por sua vez pretende salvar a própria Turquia. Após a morte de Lotte em Istambul sua mãe, Susanne, decide assumir em seu próprio nome a tarefa iniciada pela filha, responsabilizando-se pelo destino de Ayten. São personagens à deriva, movidos unicamente por um amor não atravessado pelo sexual; portanto, por um ideal cujo destino é, inexoravelmente, funesto.

Não há Outro lado, torção topológica; trata-se sempre do mesmo lado de uma fronteira sem borda: o lado de fora. Em nome do bem e no intuito de reparar um dano cometido ou suposto, atual ou ancestral, privado ou coletivo, os personagens se aproximam e se desviam, sem jamais chegarem a verdadeiramente se encontrar.

Em uma perspectiva radicalmente diversa este filme evoca outro, o dolorosamente belo “Reparação” (*Atonement*, Reino Unido/França, 2007), uma adaptação cinematográfica do romance homônimo do escritor britânico Ian McEwan.

Neste, a menina Briony Tallis, a partir de fragmentos de palavras e cenas carregadas de erotismo entre sua irmã mais velha Cecília e Robbie, filho da governanta da casa, conclui que o rapaz é o responsável pelo estupro de uma hóspede na propriedade familiar, acusando-o.

Robbie é preso, e opta por cumprir parte da pena servindo ao Exército britânico, engrossando as fileiras dos Aliados durante a II Guerra Mundial. Reencontra-se então com Cecília, que por sua vez se tornou enfermeira. A narrativa nos leva a crer que apesar das vicissitudes do passado o casal pôde finalmente viver o encontro amoroso ao qual se haviam prometido, e que fora brutalmente abortado em consequência da leviana e injusta acusação de Briony.

Precisamente nesse ponto a estória re-vela seu avesso e, com ele, sua verdadeira face. Etse encontro jamais ocorreu, pois ambos, Cecília e Robbie, morreram durante a guerra – ele no campo de batalha, e ela afogada numa enchente que invadiu as galerias do metrô de Londres, utilizadas pela população à guisa de abrigo anti-aéreo.

Por intermédio de uma torção na qual tempo e espaço são subvertidos, já estamos do lado de dentro; somos levados a saber disso por uma Briony idosa e doente, escritora consagrada que, em uma entrevista concedida a um canal de televisão relata, pela primeira vez, seu ‘crime’. Sua pena fora contar, reparar o erro concedendo a Robbie e Cecília, no plano da ficção, o amor que lhes fora subtraído na vida por intermédio de sua própria palavra, através de uma acusação falsa e leviana. Uma palavra por outra, ou melhor, por Outra - e não um olho por um olho, como reza o Alcorão.

De acordo com essa perspectiva, uma reparação só é possível no campo da arte; logo, na dimensão da sublimação, possibilidade singular de fazer Outra coisa. Desde Freud e com Lacan, sabemos que a realidade tem, para nós, uma estrutura de ficção, é tramada de desejo e de assombro pelo agulhão da sexualidade.

Assim, qual é a história mais verdadeira? Aquela vivida por Briony ou a que ela deu vida? Apenas a ficção é capaz de restaurar uma pretensa felicidade que a vida não comporta,

pois tampouco é de ser feliz que se trata, mas de viver. Viver uma vida que é urdida alhures, pelas mãos inclementes das trágicas fiandeiras: fio, sorte, corte.¹

Viver é irreparável – eis a dimensão trágica da existência. Resta ao sujeito a possibilidade sempre renovada de advir aí, onde a Coisa é ineludivelmente perdida. Por intermédio da palavra, Briony fez Outra coisa – apenas a palavra, à qual estamos condenados, pode salvar. A palavra mata, pela palavra vivemos. Existirmos, a que será que se destina?

No filme de Akin a palavra é, justamente, a grande ausente. Esta não circula, uma vez que não há endereçamento ao Outro, mas tão-somente referência aos outros, semelhantes e ameaçadores, reflexo especular e mortífero de uma imagem ideal. Assim, os personagens se vêem arrastados por um destino que se cumpre à sua revelia, em uma deriva sem ponto de basta – portanto, sem retroação significativa e sem divisão do sujeito. Eles sabem o que fazem, e esta é, justamente, sua perdição.

Estão ora de um ora do outro lado de uma inexistente fronteira entre Alemanha e Turquia. Aprisionados em uma espécie de transitividade assintótica, encontram-se inteiramente do lado de dentro ou totalmente do lado de fora – portanto, sem que haja propriamente dentro e fora, mas uma única e linear superfície sem borda. Nem dentro nem fora; porém, sempre do mesmo lado. Ao lado, contudo sem se tocar.

¹ Trata-se das Moiras: Cloto fia, Láquesis tece e a inexorável Átropos corta o fio da vida.